

Jung e a Fenomenologia Mediúnica

(5º artigo)



Carl Gustav Jung (1875-1961), ao contrário de seu mestre Freud, deu largos passos no campo da experimentação mediúnica, estudando as diversas formas de manifestações que, como ele pôde constatar, não se limitavam a uma única religião, a um único povo, a uma única cultura, ocorrendo até mesmo entre as chamadas populações primitivas da África, e sendo hoje compreendidas e aceitas como uma interação ou intercâmbio entre os dois planos da vida. Em viagens de estudo, para ter uma visão mais ampliada desses eventos mediúnicos, Jung foi pesquisar junto à sociedade indígena norte-americana e pôde, igualmente, verificar que aquela comunidade praticava o mediunismo e que o sentimento religioso entre eles era fundamental para manutenção desse liame ancestral, isto é, em atitude receptiva para conectarem com os seus falecidos líderes e orientadores.

Jung selecionou um grupo de abalizados pesquisadores para poder ampliar seus conhecimentos, embora tivesse ele criado a "teoria da sincronicidade", e assim explicar, ou ao menos tentar explicar, a fenomenologia mediúnica. A prova desse interesse está na correspondência que manteve com J.B. Rhine, da cidade de Durham (EUA), e que é considerado o pai da parapsicologia científica. Também manteve continuado contato com o não menos famoso professor Hans Bender, catedrático de parapsicologia na Faculdade de Freiburg (Suíça), e para ambos Jung defendia a tese que tais fenômenos poderiam ser explicados através da teoria da sincronicidade, embora ele mesmo já não tivesse dúvidas quanto à sobrevivência da alma, a continuidade da vida e a comunicabilidade entre os dois mundos.

Carl Jung teve a vantagem de agir com absoluta honestidade e até mesmo com imparcialidade ao estudar, examinar e julgar os fenômenos mediúnicos. E esta atitude o colocou acima de muitos inquirentes mal-intencionados e despreparados, que se aproximaram desse manancial apenas para tentar denegrir médiuns e enodoar a limpidez e transparência da Doutrina Espírita.

5 - Jung e a Fenomenologia Mediúnica

Assim, pôde ele angariar a simpatia, não somente dos homens honestos, mas atrair a atenção dos bons espíritos, que viam nele colaborador de alta importância para divulgação da realidade espiritual no seio da sociedade acadêmica, onde ele era destaque e a sua personalidade infundia respeito e acatamento.

Corria o ano de 1922 e Jung foi premiado com a visita espiritual do seu genitor, há muito desencarnado, e com ele manteve interessante quanto valiosa conversa, e, pelo conteúdo do diálogo entre ambos, se presume que tenha durado toda a noite, enquanto o seu corpo físico atendia a necessidade fisiológica do sono, possibilitando a Jung-espírito gozar dessa parcial liberdade e entrar em contato com o espírito do saudoso pai, que se apresenta rejuvenescido e sem a sua proverbial autoridade paterna. Estiveram juntos, reunidos na biblioteca, e o pai lhe fala claramente da breve desencarnação desta que é atualmente sua mãe. Pede a Jung, como psicólogo que era, escrever uma obra que tratasse diretamente dos problemas conjugais, da complexidade do matrimônio.

Este encontro, em nível espiritual, foi tão autêntico e marcante que Jung viria descrevê-lo nestes termos:

“Pensava mesmo com particular alegria na possibilidade de apresentar-lhe minha esposa e os meus filhos, de mostrar-lhe a casa e contar-lhe tudo o que tinha feito e que tinha acontecido nesse período”.

Segundo Jung, esta foi a primeira visita (que ele lembrava) que o espírito do pai lhe fez desde a desencarnação, ocorrida em 1896, repentinamente.

As questões ligadas à nossa natureza espiritual devem ser tratadas de maneira respeitosa.

Jung respeitosa as tratava, como veremos nos comentários seguintes.

Fonte: SEI - Serviço Espírita de Informações
Boletim nº 1936

artigo extraído de www.vivercomalma.com.br